

RECORDAÇÕES DA MEDIUNIDADE

YVONNE DO AMARAL PEREIRA
DITADO PELO ESPÍRITO ADOLFO BEZERRA DE MENEZES

FACULDADES EM ESTUDO

Capítulo 1

P — Por meio de cuidados dispensados a tempo, podem reatar-se laços prestes a se desfazerem e restituir-se à vida um ser que definitivamente morreria se não fosse socorrido?

R — “Sem dúvida e todos os dias tendes a prova disso. O magnetismo, em tais casos, constitui, muitas vezes, poderoso meio de ação, porque restitui ao corpo o fluido vital que lhe falta para manter o funcionamento dos órgãos.”

(“O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec, pergunta 424.)

Além desse interessante tópico do livro áureo da filosofia espírita, pedimos vênia aos prováveis leitores destas páginas para também transcrever o comentário de Allan Kardec, situado logo após a questão acima citada, uma vez que temos por norma, aconselhada pelos instrutores espirituais, basear o relatório das nossas experiências espíritas em geral no ensinamento das entidades que revelaram a Doutrina Espírita a Allan Kardec. Diz o citado comentário:

«A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra, em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética.»¹

Por sua vez, respondendo a uma pergunta que lhe fizemos acerca de determinados fenômenos espíritas, o venerável Espírito Adolfo Bezerra de Menezes disse-nos o seguinte, pequena lição que colocamos à disposição do leitor para observação e meditação:

— Podereis dizer-nos algo sobre a catalepsia e a letargia? — perguntamos — pois o que conhecemos a respeito é pouco satisfatório.

E a benemérita entidade respondeu:

«Quem for atento ao edificante estudo das Escrituras Cristãs encontrará em o Novo Testamento de N. S. Jesus-Cristo, exatamente nos capítulos 9º, de São Mateus; 5º, de São Marcos; 8º, de São Lucas, e 11º, de São João, versão do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, a excelente descrição dos fenômenos de catalepsia (talvez os fenômenos sejam, de preferência, de letargia, segundo as análises dos compêndios espíritas acima citados) ocorridos no círculo messiânico e registados pelos quatro cronistas do Evangelho, lembrando ainda

¹ A bibliografia espírita é copiosa nas referências às experiências sobre a catalepsia e a letargia e interessante será o seu estudo para o aprendiz dedicado.

o caso, igualmente empolgante, do filho da viúva de Naím, caso que nada mais seria do que a mesma letargia, ou catalepsia.

«A ciência moderna oficial, a Medicina, conhece a catalepsia e a letargia, classifica-as, mas não se interessa por elas, talvez percebendo não ser da sua alçada o fato de curá-las. A ciência psíquica, no entanto, assim também a Doutrina Espírita, não só as conhecem como se interessam grandemente por elas, pois que as estudam, tirando delas grandes ensinamentos e revelações em torno da alma humana, e por isso podem curá-las e até evitá-las, ao mesmo tempo que também poderão provocá-las, contorná-las, dirigi-las, orientá-las e delas extrair conhecimentos esplendentes para a instrução científico-transcendente a benefício da Humanidade. Se os adeptos encarnados dessa grande revelação celeste — a Doutrina Espírita — não curam, no presente momento, as crises catalépticas do próximo, as quais até mesmo uma obsessão poderá provocar, será porque elas são raras ou, pelo menos, ignoradas, ou porque, lamentavelmente, se descuram da instrução doutrinária necessária à habilitação para o importante certame.

«A catalepsia, tal como a letargia, não é uma enfermidade física, mas uma faculdade que, como qualquer outra faculdade medianímica insipiente ou incompreendida, ou ainda descurada e mal orientada, se torna prejudicial ao seu possuidor. Como as demais faculdades suas companheiras, a catalepsia e a letargia também poderão ser exploradas pela mistificação e pela obsessão de inimigos e perseguidores invisíveis, degenerando então em um estado mórbido do chamado perispírito, tendência viciosa das vibrações perispirituais para o aniquilamento, as quais se recolhem e fecham em si mesmas como a planta sensitiva ao ser tocada, negando-se às expansões necessárias ao bom funcionamento do consórcio físico-psíquico, o que arrasta uma como neutralidade do fluido vital, dando em resultado o estado de anestesia geral ou parcial, a perda da sensibilidade, quando todos os sintomas da morte e até mesmo o início da decomposição física se apresentam, e somente a consciência estará vigilante, visto que esta, fagulha da Mente Divina animando a criatura, jamais se deterá num aniquilamento, mesmo temporário.

«Tanto a catalepsia como a letargia, pois elas são faculdades gêmeas, se espontâneas (elas poderão ser também provocadas e dirigidas, uma vez que a personalidade humana é rica de poderes espirituais, sendo, como foi, criada à imagem e semelhança de Deus), se espontâneas, serão, portanto, um como vício que impõe o acontecimento, como os casos de animismo nas demais faculdades mediúnicas, vício que, mais melindroso que os outros lembrados, se a tempo não for corrigido, poderá acarretar consequências imprevisíveis, tais como a morte total da organização física, a loucura, dado que as células cerebrais, se atingidas frequentemente e por demasiado tempo, poderão levar à obsessão, ao suicídio, ao homicídio e a graves enfermidades nervosas: esgotamento, depressão, alucinações, etc. Mas, uma vez contornadas por tratamento psíquico adequado, transformar-se-ão em faculdades anímicas importantes, capazes de altas realizações supranormais, consoante a prática o tem demonstrado, fornecendo aos estudiosos e observadores dos fatos mediúnicos vasto campo de elucidação científica-transcendental.

«Entretanto, se os adeptos da grande doutrina da imortalidade — os espíritas — não sabem, conscientemente, ou não querem resolver os intrincados problemas oferecidos pela catalepsia e sua irmã gêmea, a letargia (eles, os espíritas, não se preocupam com esses fenômenos), sem o quererem e o saberem corrigem a sua possibilidade de expansão com o cultivo geral da

mediunidade comum, visto que, ao contato das correntes vibratórias magnéticas constantes, e o suprimento das forças vitais próprias dos fenômenos mediúnicos mais conhecidos, aquele vício, se ameaça, será corrigido, podendo, não obstante, a faculdade cataléptica ser orientada inteligentemente para fins dignificantes a bem da evolução do seu possuidor e da coletividade. De outro modo, o tratamento magnético através de passes, em particular os passes ditos espirituais, aplicados por médiuns idôneos e não por magnetizadores, e a intervenção oculta, mas eficiente, dos mestres da Espiritualidade, têm evitado que a catalepsia e a letargia se propaguem entre os homens com feição de calamidade, daí advindo a relativa raridade, espontânea, de tais fenômenos nos dias presentes. E essa nossa assertiva também revela que todas as criaturas humanas mais ou menos possuem em germe as ditas faculdades e as poderão dirigir à própria vontade, se conhecedoras dos seus fundamentos, uma vez que nenhum filho de Deus jamais foi agraciado com predileções ou menosprezado com desatenções pela obra da Criação.

“Dos casos citados nos Evangelhos cristãos, todavia, destaca-se o de Lázaro pela sua estranha particularidade. Aí vemos um estado cataléptico superagudo, porque espontâneo, relaxamento dos elos vitais pela depressão cansada por uma enfermidade, fato patológico, portanto, provando o desejo incontido que o espírito encarnado tinha de deixar a matéria para alçar-se ao infinito, e onde o próprio fluido vital, que anima os organismos vivos, ao encontrava quase totalmente extinto, e cujos liames magnéticos do perispírito em direção à carne se encontravam de tal forma frágeis, danificados pelo enfraquecimento das vibrações e da vontade.

(Lázaro já cheirava mal, o que é frequente em casos de crises catalépticas agudas, mesmo se provocadas, quando o paciente poderá até mesmo ser sepultado vivo, ou antes, não de todo no estado de cadáver), que fora necessário, com efeito, o poder restaurador de uma alma virtuosa como a do Nazareno para se impor ao fato, substituir células já corrompidas, renovar a vitalidade animal, fortalecer liames magnéticos com o seu poderoso magnetismo em ação. Na filha de Jairo, porém, e no filho da viúva de Naím as forças vitais se encontravam antes como que anestesiadas pelo enfraquecimento físico derivado da enfermidade, mas não no mesmo grau do sucedido a Lázaro. Neste, as mesmas forças vitais se encontravam já em desorganização adiantada, e não fora o concurso dos liames magnéticos ainda aproveitáveis e as reservas vitais conservadas pelo perispírito nas constituições físicas robustas (o perispírito age qual reservatório de forças vitais e os laços magnéticos são os agentes transmissores que suprem a organização física) e se não fôsem aquelas reservas Jesus não se abalaria à cura porque esta seria impossível. Muitos homens e até crianças assim têm desencarnado. E se tal acontece antes da época prevista pela programação da lei da Criação, nova existência corpórea os reclamará para o cumprimento dos deveres assumidos e, portanto, para a continuação da própria evolução.

«Perguntará, no entanto, o leitor:

«Porque então tal coisa é possível sob as vistas da harmoniosa lei da Criação? Que culpa tem o homem de sofrer tais ou quais acidentes se não é ele quem os provoca e que se realizam, muitas vezes, à revelia da sua vontade?

«A resposta será então a seguinte:

“Tais acidentes são próprios do carreiro da evolução, e enquanto o homem

não se integrar de boamente na sua condição de ser divino, vibrando satisfatoriamente no âmbito das expansões sublimes da Natureza, mecanicamente estará sujeito a esse e demais distúrbios. Segue-se que, para a lei da Criação, a chamada morte não só não existe como é considerada fenômeno natural, absolutamente destituído da importância que os homens lhe atribuem, exceção feita aos casos de suicídio e homicídio. A morte natural, então, em muitos casos será um acidente facilmente reparável e não repercutirá com os foros de anormalidade como acontece entre os homens. De outro modo, sendo a catalepsia e a letargia uma faculdade, patrimônio psíquico da criatura e não propriamente uma enfermidade, compreender-se-á que nem sempre a sua ação comprova inferioridade do seu possuidor, pois que, uma vez adestradas, ambas poderão prestar excelentes serviços à causa do bem, tais como as demais faculdades mediúnicas, que, não adestradas, servem de pasto a terríveis obsessões, que infelicitam a sociedade, e quando bem compreendidas e dirigidas atingirão feição sublime. Não se poderá afirmar, entretanto, que o próprio homem, ou a sua mente, a sua vontade, o seu pensamento, se encontrem isentos de responsabilidade no caso vertente, tanto na ação negativa como na positiva, ou seja, tanto nas manifestações prejudiciais como nas úteis e beneméritos.

«Um espírito encarnado, por exemplo, já evolvido, ou apenas de boa vontade, senhor das próprias vibrações, poderá cair em transe letárgico, ou cataléptico, voluntariamente², alçar-se ao Espaço para desfrutar o consolador convívio dos amigos espirituais mais intensamente, dedicar-se a estudos profundos, colaborar com o bem e depois retornar à carne, reanimado e apto a excelentes realizações. Não obstante, homens comuns ou inferiores poderão cair nos mesmos tranSES, conviver com entidades espirituais inferiores como eles e retornar obsidiados, predispostos aos maus atos e até inclinados ao homicídio e ao suicídio. Um distúrbio vibratório poderá ter várias causas, e uma delas será o próprio suicídio em passada existência. Um distúrbio vibratório agudo poderá ocasionar um estado patológico, um transe cataléptico, tal o médium comum que, quando esgotado ou desatento da própria higiene mental ou moral (queda de vibrações e, portanto, distúrbio vibratório), dará possibilidades às mistificações do animismo e à obsessão. Nesse caso, no entanto, o transe cataléptico trará feição de enfermidade grave, embora não o seja propriamente, e será interpretado como ataques incuráveis, indefiníveis, etc. O alcoólatra poderá renascer predisposto à catalepsia porque o álcool lhe viciou as vibrações, anesthesiando-as, o mesmo acontecendo aos viciados em entorpecentes, todos considerados suicidas pelos códigos da Criação. Em ambos os casos a terapêutica psíquica bem aplicada, mormente a renovação mental, influiu poderosamente no sistema de vibrações nervosas, será de excelentes resultados para a corrigenda do distúrbio, enquanto que a atuação espírita propriamente dita abrirá novos horizontes para o porvir daquele distúrbio, que evolverá para o seu justo plano de faculdade anímica. E tudo isso, fazendo parte de uma expiação, porque será o efeito grave de causas graves, também assinalará o estado de evolução, visto que, se o indivíduo fôsse realmente superior, estaria isento de padecer os contratemplos que acima

² **Esses tranSES são comuns à noite, durante o repouso do sono, e muitas vezes o próprio paciente não se apercebe deles, ou se apercebe vagamente. Entre os espiritualistas orientais torna-se fato comum, conforme é sabido, dado que os mesmos cultivam carinhosamente os poderes da própria alma.**

descrevemos. Todavia, repetimos, tanto a catalepsia como a letargia, uma vez bem compreendidas e dirigidas, quer pelos homens quer pelos Espíritos Superiores, transformar-se-ão em faculdades preciosas, conquanto raras e mesmo perigosas, pois que ambas poderão causar o desenlace físico do seu paciente se uma assistência espiritual poderosa não o resguardar de possíveis acidentes. A letargia, contudo, presta-se mais à ação do seu possuidor no plano espiritual. Ao despertar, o paciente trará apenas intuições, às vezes úteis e preciosas, das instruções que recebeu e sua aplicação nos ambientes terrenos. É faculdade comum aos gênios e sábios, sem contudo constituir privilégio, agindo sem que eles próprios dela se apercebam, porque se efetivam durante o sono e sob vigilância de Espíritos prepostos ao caso.

«A provocação desses fenômenos nada mais é que a ação magnética anestesiando as forças vibratórias até ao estado agudo, e anulando, por assim dizer, os fluidos vitais, ocasionando a chamada morte aparente, por suspender-lhe, momentaneamente, a sensibilidade, as correntes de comunicação com o corpo carnal, qual ocorre no fenômeno espontâneo, se bem que o fenômeno espontâneo possa ocupar um agente oculto, espiritual, de elevada ou inferior categoria. Se, no entanto, o fenômeno espontâneo se apresentar frequentemente e de forma como que obsessiva, a cura será inteiramente moral e psíquica, com a aproximação do paciente aos princípios nobres do Evangelho moralizador e ao cultivo da faculdade sob normas espíritas ou magnéticas legítimas, até ao seu pleno florescimento nos campos mediúnicos.

«Casos há em que um consciencioso experimentador remove a possibilidade, ou causa de tais acontecimentos, e o paciente volta ao estado normal anterior. Mas o desenvolvimento pleno de tal faculdade é que conscienciosamente restituirá ao indivíduo o equilíbrio das próprias funções psíquicas e orgânicas. O tratamento físico medicinal, atingindo o sistema neuro-vegetativo, fortalecendo o sistema nervoso com a aplicação de tônicos reconstituintes, etc., também será de importância valiosa, visto que a escassez de fluidos vitais poderá incentivar o acontecimento, emprestando-lhe feição de enfermidade. Cumpre-nos ainda advertir que tais faculdades, relativamente raras porque não cultivadas, na atualidade, agem de preferência no plano espiritual, com o médium encarnado sob a direção dos vigilantes espirituais, campo apropriado, o mundo espiritual, para as suas operosidades, tornando-se então o seu possuidor prestimoso colaborador dos obreiros do mundo invisível em numerosas espécies de especulações a benefício da Humanidade encarnada e desencarnada. Entre os homens a ação de tais médiuns se apresentará de menor vulto, mas, se souberem atentar nas intuições que com eles virão ao despertar, grandes feitos chegarão a realizar também no plano terreno.

«Os ensinamentos contidos nos códigos espíritas, a advertência dos elevados Espíritos que os organizaram e a prática do Espiritismo demonstram que nenhum indivíduo deverá provocar, forçando-o, o desenvolvimento das suas faculdades mediúnicas, porque tal princípio será contraproducente, ocasionando novos fenômenos psíquicos e não propriamente espíritas, tais como a auto-sugestão ou a sugestão exercida por pessoas presentes no recinto das experimentações, a hipnose, o animismo, ou personismo, tal como o sábio Dr. Alexandre Aksakof classifica o fenômeno, distinguindo-o daqueles denominados «efeitos físicos». A mediunidade deverá ser espontânea por excelência, a fim de frutescer com segurança e brilhantismo, e será em vão que o pretendente se esforçará por atraí-la antes da ocasião propícia. Tal

insofridez redundará, inapelavelmente, repetimos, em fenômenos de auto-sugestão ou o chamado «animismo», ou «personismo», isto é, a mente do próprio médium criando aquilo que se faz passar por uma comunicação de Espíritos desencarnados. Existem mediunidades que do berço se revelam no seu portador, e estas são as mais seguras, porque as mais positivas, frutos de longas etapas reencarnatórias, durante as quais os seus possuidores exerceram atividades marcantes, assim desenvolvendo forças do perispírito, sede da mediunidade, vibrando intensamente num e noutro setor da existência e assim adquirindo vibratilidades acomodáticas do fenômeno. Outras existem ainda em formação (forças vibratórias frágeis, incompletas, os chamados «agentes negativos»), que jamais chegarão a se adestrar satisfatoriamente numa só existência, e que se mesclarão de enxertos mentais do próprio médium em qualquer operosidade tentada, dando-se também a possibilidade até mesmo da pseudo-perturbação mental, ocorrendo então a necessidade dos estágios em casas de saúde e hospitais psiquiátricos se se tratar de indivíduos desconhecedores das ciências psíquicas. Por outro lado, esse tratamento será balsamizante e até necessário, na maioria dos casos, visto que tais impasses comumente sobrecarregam as células nervosas do paciente, consumindo ainda grande percentagem de fluidos vitais, etc., etc.

«Possuindo na minha clínica espiritual fatos interessantes cabíveis nos temas em apreço, consignados neste livro, patrocinarei aqui a exposição de alguns deles para estudo e análises dos fatos espíritas, convidando o leitor à meditação sobre eles, pois o espírita necessita profundamente de instrução geral em torno dos fenômenos e ensinamentos apresentados pela ciência transcendente de que se fêz adepto, ciência hortal que não poderá sofrer o abandono das verdadeiras atenções do senso e da razão.

(a) — Adolfo Bezerra de Menezes.”

*

Por nossa vez, conhecemos pessoalmente, faz alguns anos, na cidade fluminense de Barra Mansa, ao tempo em que ali exercia as funções espiritistas o eminente médium e expositor evangélico Manoel Ferreira Horta, amplamente conhecido pela alcunha de «Zico Horta», a médium cataléptica «Chiquinha». Tratava-se de uma jovem de 19 anos de idade, filha de respeitável família e finamente educada. Sua faculdade apresentou-se, inicialmente, em feição de enfermidade, com longos ataques que desafiaram o tratamento médico para a cura. Observada, porém, a pedido da família, e habilmente dirigida por aquele lúcido espírita, a jovem tornou-se ‘médium de admiráveis possibilidades, com a insólita faculdade cataléptica, que lhe permitia até mesmo o fenômeno da incorporação de entidades sofredoras e ignorantes, a fim de serem esclarecidas. Em vinte minutos a médium apresentava os variados graus da catalepsia, inclusive o estado cadavérico após as vinte e quatro horas depois da morte, e os sintomas do início da decomposição, com as placas esverdeadas pelo corpo e o desagradável almíscar comum aos cadáveres que entram em decomposição. De outras vezes, no primeiro ou no segundo grau do transe, transmitia verbalmente o receituário que ouvia das entidades médicas desencarnadas que a assistiam, obtendo, assim, excelentes curas nos numerosos doentes que procuravam a antiga «Assistência Espírita Bittencourt Sampaio», dirigida por Zico Horta. Narrava fatos que via no Espaço, transmitia instruções de individualidades espirituais sobre diversos assuntos,

penetrava o corpo humano com a visão espiritual, e seus diagnósticos eram seguros, visto que os reproduzia verbalmente, ouvindo-os, em espírito, dos médicos espirituais. O tom da voz com que se exprimia era pausado e grave, e sua aparência física reproduzia o estado cadavérico: rigidez impressionante, algidez, arroxamento dos tecidos carnis, inclusive as unhas, fisionomia abatida e triste, própria do cadáver, olheiras profundas. O mesmo sucedia, como é sabido, ao médium Carlos Mirabelli, que, em poucos minutos, atingia o grau de decomposição, a ponto de as pessoas presentes às sessões, em que ele trabalhasse, só muito penosamente suportarem o fétido que dele se exalava, até que o transe variasse de grau, em escala descendente, fazendo-o despertar. Ao que parece, a catalepsia aí era completa. Ambos de nada recordavam ao despertar.

Uma vez de posse das indicações que aí ficam, animada nos sentimos a descrever nestas páginas alguns acontecimentos supranormais de que também temos sido paciente na presente vida orgânica. Que o suposto leitor ajuíze e por si mesmo deduza até onde poderá chegar o intricado mistério da mediunidade, porque a mediunidade ainda constitui mistério para nós outros, que apenas lhe conhecemos os efeitos surpreendentes, isto é, apenas a primeira parte dos seus estranhos poderes.

Devemos declarar, de início, que, para a descrição dos fenômenos ocorridos conosco, usaremos o tratamento da primeira pessoa do singular, e para a primeira parte de cada capítulo, ou seja, para as análises e exposições obtidas pelas intuições do dirigente espiritual da presente obra, Adolfo Bezerra de Menezes, usaremos o tratamento da primeira pessoa do plural, assim destacando as duas feições do presente volume.

FACULDADE NATIVA

Capítulo 2

“Todos a choravam, e se feriam de pena. Jesus, porém, lhes disse: Não choreis, que a menina não está morta, mas dorme.

Então Jesus, tomando-lhe a mão, disse em alta voz: «Talita, kume!» Menina, desperta! Então a sua alma tornou ao corpo e ela se levantou logo. E Jesus mandou que lhe dessem de comer.”

(Mateus, capítulo 9, versículos 18 a 20. Marcos, capítulo 5, versículos 22 a 43. Lucas, capítulo 8, versículos 41 a 56.)

*

“Na letargia o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, porém, não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado.”

(Allan Kardec, “O Livro dos Espíritos”, pergunta 423.)

Em um livro de memórias que nossos dirigentes espirituais nos aconselharam escrever, existem as seguintes páginas, que dali extraímos para o presente volume, oferecendo-as à meditação do leitor, pois jamais devemos desprezar fatos autênticos que atestem a verdade espírita. Escrevemo-las num grande desabafo, pois tantos foram os fatos espíritas que desde a infância

rodearam a nossa vida, que, em verdade, nossa consciência se acusaria se os retivéssemos somente para deleite das nossas recordações. Eis as aludidas páginas:

— «Creio que nasci médium já desenvolvido, pois jamais me dei ao trabalho de procurar desenvolver faculdades medianímicas. Algumas faculdades se apresentaram ainda em minha primeira infância: a vidência, a audição e o próprio desdobramento em corpo astral, com o curioso fenômeno da morte aparente. Creio mesmo, e o leitor ajuizará, que o primeiro grande fenômeno mediúnico ocorrido comigo se verificou quando eu estava apenas vinte e nove dias de existência.

Tendo vindo ao mundo na noite de Natal, 24 de Dezembro, a 23 de Janeiro, durante um súbito acesso de tosse, em que sobreveio sufocação, fiquei como morta. Tudo indica que, em existência pretérita, eu morrera afogada por suicídio, e aquela sufocação, no primeiro mês do meu nascimento, nada mais seria que um dos muitos complexos que acompanham o Espírito do suicida, mesmo quando reencarnado, reminiscências mentais e vibratórias que o traumatizam por períodos longos, comumente.

Durante seis horas consecutivas permaneci com rigidez cadavérica, o corpo arroxeadado, a fisionomia abatida e macilenta do cadáver, os olhos aprofundados, o nariz afilado, a boca cerrada e o queixo endurecido, enregelada, sem respiração e sem pulso. O único médico da localidade — pequena cidade do Sul do Estado do Rio de Janeiro, hoje denominada Rio das Flores, mas então chamada Santa Teresa de Valença —, o único médico e o farmacêutico, examinando-me, constataram a morte súbita por sufocação, à falta de outra «causa mortis» mais lógica. A certidão de óbito foi, portanto, legalmente passada. Minha avó e minhas tias trataram de me amortilhar para o sepultamento, à tarde, pois o «óbito» ocorrera pela manhã, bem cedo. Eu era recém-chegada na família e, por isso, ao que parece, «minha morte» não abalava o sentimento de ninguém, pois, havendo ao todo vinte e oito pessoas na residência rural de minha avó materna, onde nasci, porquanto a família se havia reunido para as comemorações do Natal e do Ano-Novo, ninguém demonstrava pesar pelo acontecimento, muito ao contrário do que se passara na residência do fariseu Jairo, há quase dois mil anos...

Vestiram-me então de branco e azul, como o «Menino Jesus», com rendinhas prateadas na túnica de cetim, faixas e estrelinhas, e me engrinaldaram a fronte com uma coroa de rosinhas brancas. Chovia torrencialmente e esfriara o tempo, numa localidade própria para o veraneio, como é a minha cidade natal. A eça mortuária, uma mesinha com toalhas rendadas, com as velas e o crucifixo tradicional, encontrava-se à minha espera, solenemente preparada na sala de visitas.

Nem minha mãe chorava. Mas esta não chorava porque não acreditava na minha morte.

Opunha-se terminantemente que me expusessem na sala e encomendassem o caixão mortuário. A fim de não excitá-la, deixaram-me no berço mesmo, mas encomendaram o caixãozinho, todo branco, bordado de estrelinhas e franjas douradas... Minha mãe, então, quando havia já seis horas que eu me encontrava naquele estado insólito, conservando-se ainda católica romana, por aquele tempo, e vendo que se aproximava a hora do enterro, retirou-se para um aposento solitário da casa, fechou-se nele, acompanhou-se de um quadro com estampa representando Maria, Mãe de Jesus, e, com uma vela acesa, prostrou-se de joelhos ali, sozinha, e fez a invocação seguinte, con-

centrando-se em preces durante uma hora:

— “Maria Santíssima, Santa Mãe de Jesus e nossa Mãe, vós, que também fostes mãe e passastes pelas aflições de ver padecer e morrer o vosso Filho sob os pecados dos homens, ouvi o apelo da minha angústia e atendei-o, Senhora, pelo amor do vosso Filho: Se minha filha estiver realmente morta, podereis levá-la de retorno a Deus, porque eu me resignarei à inevitável lei da morte. Mas se, como creio, ela estiver viva, apenas sofrendo um distúrbio cuja causa ignoramos, rogo a vossa intervenção junto a Deus Pai para que ela torne a si, a fim de que não seja sepultada viva. E como prova do meu reconhecimento por essa caridade que me fareis eu vo-la entregarei para sempre. Renunciarei aos meus direitos sobre ela a partir deste momento! Ela é vossa! Eu vo-la entrego! E seja qual for o destino que a esperar, uma vez retorne à vida, estarei serena e confiante, porque será previsto pela vossa proteção.”

Muitas vezes, durante a minha infância, minha mãe narrava-me esse episódio da nossa vida por entre sorrisos de satisfação, repetindo cem vezes a prece que aí fica, por ela inventada no momento, acrescentando-a do Pai-Nosso e da Ave-Maria, e, igualmente entre sorrisos, era que eu a ouvia dizer, tornando-me então muito eufórica por isso mesmo:

— Eu nada mais tenho com você... Você pertence a Maria, Mãe de Jesus...

Entrementes, ao se retirar do aposento, onde se dera a comunhão com o Alto, minha mãe abeirou-se do meu insignificante fardo carnal, que continuava imerso em catalepsia, e tocou-o carinhosamente com as mãos, repetidas vezes, como se transmitisse energias novas através de um passe. Então, um grito estridente, como de susto, de angústia, acompanhado de choro inconsolável de criança, surpreendeu as pessoas presentes. Minha mãe, provável veículo dos favores caritativos de Maria de Nazaré, levantou-me do berço e despiu-me a mortalha, verificando que a grinalda de rosinhas me ferira a cabeça.

As velas que deveriam alumiar o meu cadáver foram retiradas e apagadas, a eça foi destituída das solenes toalhas rendadas, o crucifixo retornou ao oratório de minha avó e a casa funerária recebera de volta um caixão de «anjinho», porque eu revivera para os testemunhos que, de direito, fossem por mim provados, como espírito revel que fora no passado... e revivera sob o doce influxo maternal de Maria, Mãe de Jesus.

Recordando, agora, nestas páginas, esse patético episódio de minha presente existência, a mim narrado tantas vezes pelos meus familiares, nele prefiro compreender também um símbolo, a par do fenômeno psíquico: ingressando na vida terrena para uma encarnação expiatória, eu deveria, com efeito, morrer para mim mesma, renunciando ao mundo e às suas atrações, para ressuscitar o meu espírito, morto no pecado, através do respeito às leis de Deus e do cumprimento do dever, outrora vilipendiado pelo meu livre arbítrio. Não obstante, que seria o fato acima exposto se não a faculdade que comigo viera de outras etapas antigas, o próprio fenômeno mediúnico que ocorre ainda hoje, quando, às vezes, espontaneamente, advêm transes idênticos ao acima narrado, enquanto, em espírito, eu me vejo acompanhando os Instrutores Espirituais para com eles socorrer sofredores da Terra e do Espaço, ou assistir, sob seus influxos vibratórios mentais, aos dramas do mundo invisível, que mais tarde são descritos em romances ou historietas?

Aos quatro anos de idade já eu me comunicava com Espíritos desencarnados, através da visão e da audição: via-os e falava com eles. Eu os

supunha seres humanos, uma vez que os percebia com essa aparência e me pareciam todos muito concretos, trajados como quaisquer homens e mulheres. Ao meu entender de então, eram pessoas da família, e por isso, talvez, jamais me surpreendi com a presença deles. Uma dessas personagens era-me particularmente afeiçoada: eu a reconhecia como pai e a proclamava como tal a todos os de casa, com naturalidade, julgando-a realmente meu pai e amando-a profundamente. Mais tarde, esse Espírito tornou-se meu assistente ostensivo, auxiliando-me poderosamente a vitória nas provações e tornando-se orientador dos trabalhos por mim realizados como espírita e médium. Tratava-se do Espírito Charies, já conhecido do leitor através de duas obras por ele ditadas à minha psicografia: **Amor e Ódio** e **Nas Voragens do Pecado**.

Durante minha primeira infância esse Espírito falava-me muitas vezes, usando de autoridade e energia, assim como a entidade «Roberto», também entrevista pelo leitor nos volumes **Dramas da Obsessão**, de Adolfo Bezerra de Menezes, e **Memórias de um Suicida**, como sendo o médico espanhol Roberto de Canalejas, e que teria existido na Espanha pelos meados do 19º século.

Lembro-me ainda de que, muitas vezes, sentada no soalho, a brincar com as bonecas, eu via Roberto numa cadeira que invariavelmente era posta no mesmo local. Ele curvava-se, apoiava os cotovelos nos joelhos e sustentava o rosto com as mãos numa atitude muito humana, e assim, tristemente, pois era um Espírito triste, me falava com doçura e eu respondia. Não sei se tais conversações seriam telepáticas ou verbais, sei apenas que eram reais. Mas não pude conservar lembranças do assunto de que tratavam. Aliás, tudo me parecia comum, natural, e, como criança que era, certamente não poderia haver preocupação de reter na lembrança o assunto daquelas conversações. Essa entidade era por mim distinguida muito perfeitamente, trajada como os homens do século 19, mostrando olhos grandes e vivos, muito profundos, cabelos fartos e altos na frente, pequena barba circulando o rosto e terminando suavemente em ponta, no queixo, e bigodes relativos, espessos. Dir-se-ia pessoa doente, pois trazia faces encovadas e feições abatidas, e mãos descarnadas e muito brancas. Era esse o Espírito companheiro de minhas existências passadas, a quem poderosos laços espirituais me ligam, a quem muito feri em idades pretéritas e por quem me submeti às duras provações que me afligiram neste mundo, na esperança de reaver o perdão da lei de Deus pelo mal outrora praticado contra ele próprio.

*

Foi somente aos oito anos de idade que se repetiu o fenômeno de desprendimento parcial a que chamamos «morte aparente», o qual, no entanto, sempre espontâneo, dos dezesseis anos em diante se tornou, por assim dizer, comum em minha vida, iniciando-se então a série de exposições espirituais que deram em resultado as obras literárias por mim recebidas do Além através da psicografia auxiliada pela visão espiritual superior. Repetindo-se, porém, o fenômeno, aos meus oito anos de idade, recebi, através dele, em quadros parabólicos descritos com a mesma técnica usada para a literatura mediúnica, o primeiro aviso para me dedicar à Doutrina do Senhor e do que seria a minha vida de provações, sendo essa exposição produzida singelamente, à altura de uma compreensão infantil.

Quem conhecer a vida da célebre heroína francesa Joana d'Arc e atentar

em certos detalhes que circundaram a sua mediunidade, compreenderá facilmente que as entidades espirituais que se comunicavam com ela, e às quais ela atribuía os nomes dos santos por ela venerados, cujas imagens existiam na igreja de Domremy, sua terra natal, facilmente compreenderá também o que exporei em seguida, pois o fenômeno espírita jamais será isolado ou será particular a uma única pessoa, porque a técnica para produzi-lo é idêntica em toda parte e em todas as idades, referência feita aos operadores espirituais.

Joana fora criada desde o berço amando aquela igreja e as imagens nela expostas com a denominação de Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel. E porque raciocinasse que, realmente, as imagens retratavam aquelas almas eleitas que ela acreditava desfrutando a bem-aventurança eterna, confiava nelas, certa de que jamais lhe negariam amor e proteção. Mas a verdade era que as entidades celestes que se mostravam a Joana, e lhe falavam, nada mais seriam que os seus próprios guias espirituais ou os Guardiães Espirituais da coletividade francesa, como Santa Genoveva, São Luís ou Carlos Magno, que tomariam a aparência daquelas imagens a fim de infundirem respeito e confiança àquele coração heróico, capaz de um feito importante que se refletiria até mesmo além-fronteiras da França. Também nada impediria que as visões de Joana fôssem realmente materializações dos Espíritos daqueles vultos da igreja de Domremy, dado que Santa Catarina e Santa Margarida tivessem, com efeito, existido. Quanto a São Miguel, citado no Velho Testamento pelos antigos profetas, possui essa credencial para a própria identidade. O acontecimento, aliás, é comum nos fastos espíritas e o caso de Joana não é isolado na história das aparições supranormais, conquanto seja dos mais positivos e belos de quantos temos notícias.

Assim, nos meus oito anos de idade fato análogo passou-se, embora com caráter muito restrito e particular, em condições de vidência, é verdade, diversas do ocorrido em Domremy, mas fundamentado nos mesmos princípios.

Por aquela época, eu residia na cidade de Barra do Piraí, no Estado do Rio de Janeiro, e frequentava o catecismo da doutrina Católica Romana na igreja matriz de Sant'Ana, ao lado da qual morava. A essa época já meus pais haviam adotado o Espiritismo (meu pai adotara-o ainda antes do meu nascimento), permitindo, não obstante, minha frequência ao catecismo católico, como era comum entre famílias espíritas, no passado. Aquele templo católico, portanto, com seus vitrais sugestivos, seus sinos melodiosos, seu formoso jardim em derredor, exercia suave impressão em minhas sensibilidades, e a doce poesia que se desprendia de tudo aquilo infundia verdadeiro encantamento ao meu coração. Eu venerava aquele ambiente e hoje compreendo que, então, me sentia como que tutelada daquela (Senhora Sant'Ana, que me era tão familiar, e daquela "Nossa Senhora da Conceição", que eu tinha a satisfação de coroar, fantasiada de anjo, nas festividades do mês de maio. E imaginava-as como fazendo parte da minha família, porque diziam delas as nossas "babás":

— "A Senhora Sant'Ana é nossa avó; Nossa Senhora é nossa mãe, portanto temos que respeitá-las e lhes pedir a bênção todos os dias...

Mas, sobre todas as imagens existentes naquele templo, a que mais me impressionava e comovia era a do "Senhor dos Passos", caído sobre os joelhos, com a cruz nos ombros. Eu amava aquela imagem, profundas sugestões ela infundia em minha alma, e, às vezes, chorava ao lado dela, porque diziam as (babás):

— “Foi para nos salvar que Ele padeceu e morreu na cruz... Temos que amá-lo muito...”

Reconfortava-me, porém, beijar a ponta da sua túnica ou um ângulo da cruz, e não raro levava uma ou outra humilde flor para oferecer-lhe, com a qual pretendia testemunhar-lhe o meu sentimento, e grande tristeza me invadia o coração em tais momentos.

Entretanto, a imagem permanecia sobre um andor, na capela-mor, e não no altar, visto não existir, na ocasião, acomodações para ela em nenhum outro local. Em verdade, já por essa época eu não passava de uma criança infeliz, pois, como vimos, o sofrimento me acompanhava desde o nascimento, e eu sofria não só a saudade de minha existência anterior, da qual lembrava, como ainda a insatisfação no ambiente familiar, que eu estranhava singularmente, como veremos mais adiante. Dentre as muitas angústias que então me afligiam, destacava-se o temor que eu experimentava por um dos meus irmãos, o qual, como sói acontecer entre proles numerosas, me surrava frequentemente por qualquer contrariedade durante nossas peraltices, fato que me pungia e aterrorizava muito, e que a minha talvez excessiva sensibilidade exagerava como se se tratasse de um martirólogo por mim sofrido, tornando-me então complexada no próprio lar paterno.

Certa noite, inesperadamente, verificou-se o fenômeno de transporte em corpo astral, com a característica de morte aparente. Felizmente para todos os de casa, a ocorrência fora em hora adiantada da noite, como sucede nos dias presentes, e apenas percebido pela velha ama que dormia conosco e que fora testemunha do primeiro fenômeno, no primeiro mês do meu nascimento.

Pôs-se ela então a debulhar o seu rosário, temerosa de acordar os de casa, o que não a impediu de me supor atacada de um ataque de vermes e por isso mesmo dando-me vinagre a cheirar. Mas como o alvitre se verificara infrutífero para resolver a situação, preferiu as próprias orações, o que, certamente, equivaleu a excelente ajuda para a garantia do transe. Somente no dia seguinte, portanto, o fato foi conhecido por todos, por mim inclusive, que me lembrava do acontecimento como se tratasse de um sonho muito lúcido e inteligente.

Entrementes, sob a ação do fenômeno, vi-me no interior da igreja que eu amava, diante da imagem do “Senhor dos Passos”, como frequentemente acontecia, agora, porém, permanecendo aquém dos degraus que subiam para a capela-mor. O familiar acima citado torturava-me então com os habituais maus tratos, espancando-me furiosamente, despedaçando-me as roupas e puxando-me os cabelos. Sentindo-me aterrorizada, como sempre, em dado momento apelei para o socorro do Senhor. Então, como que vi a imagem desprender-se do andor, com a cruz nas costas, descer os degraus, estender a mão livre para mim e dizer, bondosamente:

— «Vem comigo, minha filha... Será o único recurso que terás para suportar os sofrimentos que te esperam...»

Aceitei a mão que se estendia, apoiei-me nela, subi os degrauzinhos da capela-mor... e de nada mais me apercebi, enquanto que a visão não foi jamais esquecida, constituindo antes grande refrigério para o meu coração, até hoje, sua lembrança.

Efetivamente, grandes provações e testemunhos, lágrimas ininterruptas, sem me permitirem um único dia de alegria neste mundo, se sobrepuseram no decurso da minha presente existência. Mas bem cedo eu me fortalecera para os embates, pois, naquela mesma idade, oito anos, li o primeiro livro espírita,

uma vez que já lia correntemente, pela citada época.

Certamente que não pude assimilá-lo devidamente, mas li-o do princípio ao fim, embora a sua literatura clássica me confundisse. Mas o assunto principal de que tratava, a técnica espírita, revelando o fenômeno da morte de uma personagem, calou-me profundamente no coração e eu o compreendi perfeitamente. Esse livro foi o romance «*Marieta e Estrela*» obtido pela mediunidade de Daniel Suarez Artazu, em Barcelona, Espanha, pelo ano de 1870, e o capítulo “O primeiro dia de um morto” foi, para mim, como que o chamamento para os assuntos espíritas.

E assim foi que a Doutrina do Senhor, a esperança na Sua justiça, a fé e a paciência que sempre me impeliram para o Espiritismo, a par do cultivo dos dons mediúnicos que espontaneamente se me impuseram desde a minha infância, me tornaram bastante forte para dominar e superar, até agora, as dificuldades que comigo vieram para a reencarnação expiatória, como resultado inapelável de um passado espiritual desarmonizado com o bem.»

* * *

<http://estudosespiritas.wordpress.com/>

<http://estudosespiritas.wordpress.com/>